

Entre o saber e o fazer: Um estudo comportamental sobre a coerência ambiental da população de Lavras - MG

PAULA TORRES TANURE

Fundação Getulio Vargas
paulatorrestanure@yahoo.com.br

ALINE PEREIRA SALES

Universidade Federal de Lavras
alinepereirasales@gmail.com

MATHEUS DE CARVALHO FERREIRA

Universidade Federal de Lavras
matheus_ferreira88@hotmail.com

ADRIANO DIAS DA COSTA

Universidade Federal de Lavras
adr_dias90@yahoo.com.br

RICARDO DE SOUZA SETTE

Universidade Federal de Lavras
ricsouza@ufla.br

Entre o saber e o fazer: Um estudo comportamental sobre a coerência ambiental da população de Lavras - MG

1. Introdução

A sociedade no decorrer da história e, principalmente, após a revolução industrial, passou a modificar o significado do consumo e dos valores a ele relacionados. A noção de consumo apenas pela necessidade perdeu espaço para outras questões como, por exemplo, o consumo pelo desejo e pelo status (VEBLEN, 1987; BAUDRILLARD, 2005; BOURDIEU, 2007; DOUGLAS e ISHERWOOD, 2006, MCCRACKEN, 2003)¹. Como provedor desse processo, fornecendo os recursos necessários para a produção dos bens e serviços, o meio ambiente, desde o início, demonstrou a sua indiscutível importância que, porém, não foi reconhecida durante quase todo esse movimento do consumo.

A falta de conhecimento a respeito do assunto levou e ainda leva ao uso irracional dos recursos naturais, que são fundamentais para o suprimento das necessidades humanas. Assim, a utilização desregrada desses recursos pelo homem ao longo do tempo, acarretou uma série de mudanças no meio ambiente, que passaram a impactar diretamente na vida das pessoas.

A partir desse momento, passou-se a compreender a importância de se incitar a conscientização da problemática ambiental, surgindo, então, a preocupação com modelos sustentáveis de desenvolvimento, o qual exista a conciliação entre o desenvolvimento econômico e a preservação do meio ambiente, como reação aos impactos gerados pelo desenvolvimento científico-tecnológico, industrial e urbano. Tal conscientização seria fruto da educação ambiental, desenvolvida e aplicada pelas próprias pessoas (GOMES, 2006).

Os primeiros sinais de preocupação com o meio ambiente por parte dos governantes de alguns países surgiram logo após a Segunda Guerra Mundial, como um movimento tímido e de pouca visualização, recebendo, só mais tarde, uma maior atenção e visibilidade no cenário internacional. Porém, apesar das discussões realizadas sobre o assunto, poucas ações foram tomadas, o que agravou ainda mais os impactos gerados pelo consumo exacerbado, que só fez aumentar, com o crescimento populacional das últimas décadas.

Neste contexto, algumas mudanças comportamentais começaram a emergir por parte de determinados grupos de consumidores. Além de preço e qualidade, estes passaram a exigir, cada vez mais, aspectos relacionados aos direitos humanos, trabalhistas, às normas de preservação ambiental vigentes, a ética na publicidade e nas práticas empresariais, com vistas à promoção do bem-estar social e tornando-se uma ferramenta para o consumo consciente (IDEC, 2004). Essa nova classe de consumidores, que se preocupam com o impacto ecológico de suas ações, tem sido denominada pelos pesquisadores como “consumidores verdes”.

Este trabalho, ao traçar um paralelo entre consciência e comportamento pró-ambiental, tem como objetivo principal investigar se a população de uma cidade do sul de Minas Gerais possui consciência ambiental e, se esta se reflete em comportamentos em favor do meio ambiente. Desta forma, espera-se que a realização deste trabalho promova uma reflexão sobre o assunto e incite novas discussões.

O artigo encontra-se subdividido em seções, iniciando pela discussão e problematização da relação homem-natureza e a necessidade de modelos sustentáveis de desenvolvimento para intermediar tal relação. A seção seguinte é destinada a um detalhamento dos construtos que serão utilizados pela pesquisa: consciência ambiental e comportamento pró-ambiental, além da relação entre consciência e comportamento. No tópico posterior serão apresentados os procedimentos metodológicos adotados no estudo, sendo

¹ Estes trabalhos foram publicados pela primeira vez nos anos de 1899, 1970, 1979, 1978 e 1988, respectivamente.

seguido pela apresentação e discussão dos resultados encontrados nesta pesquisa. Por fim, são feitas as considerações finais sobre a consciência ambiental e o comportamento pró-ambiental da população estudada.

2. A Relação Homem-Natureza

Desde o surgimento do homem, há cerca de 100 mil anos, a relação homem-natureza não tem sido muito amistosa. Se em 4 bilhões de anos o planeta não fora agredido, com o início das civilizações, as intervenções humanas começaram a mudar essa história. A situação se agravou ainda mais à medida que a população cresceu e não demonstrou grande preocupação com os impactos ambientais (WALLAVER, 2000).

Sabe-se que dos impactos causados, alguns são irreversíveis e outros demandarão grande esforço para serem recuperados. Muitas espécies da fauna se encontram extintas, enquanto muitas outras estão ameaçadas de extinção, como consequência das alterações do *habitat* natural das espécies, do tráfico de animais silvestres e a da caça e pesca predatória (WALLAVER, 2000).

De acordo com dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2008 mais de 90% dos municípios brasileiros, cerca de 5.040 cidades, sofriam algum problema ambiental, sendo os problemas mais comuns: as queimadas, o desmatamento e o assoreamento dos rios. Porém, apenas 18,7% dos municípios brasileiros possuíam uma estrutura adequada para enfrentar esses desafios ambientais (IBGE, 2008).

Além disso, dados da Organização das Nações Unidas (ONU) e do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) alertam para o consumo de cerca de 40% acima dos recursos que a Terra é capaz de repor (COZETTI, 2001). A esse respeito, observa-se que os países industrializados detêm cerca de 85% de todo o consumo mundial, ainda que possuam apenas 19% da população do mundo (VITOR, 2002).

Neste contexto, em face de uma precária perspectiva política e econômica, consolidada na busca incessante pelo crescimento econômico, surge uma nova racionalidade, defensora da conciliação entre desenvolvimento econômico, preservação ambiental e igualdade social, denominada desenvolvimento sustentável que se popularizou a partir da Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD). O termo pode ser entendido como aquele que garante “atender as necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as gerações futuras atenderem também às suas” (COMISSÃO MUNDIALSOBREMEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO, 1988, p. 9).

Essa definição comporta alguns elementos importantes como o fato de que, para gerar sustentabilidade, é necessário combater a pobreza com o desenvolvimento econômico, um compromisso intergeracional, e a ideia de que o planeta dispõe de uma quantidade limitada de recursos e de uma capacidade limitada de dar condições à vida como a conhecemos (MATIAS & PINHEIRO, 2008, p.135).

Esses e outros aspectos têm recebido inúmeras críticas de diversos autores (Baroni, 1992; Barbieri, Vasconcelos, Andreasi e Vasconcelos, 2010; Daly, 1991; Drummond, 1999, entre outros), quanto à sua concepção e aplicabilidade, o que tem dificultado a obtenção de um consenso acerca do conceito.

Entretanto, ainda que alvo de julgamentos, as propostas referentes ao desenvolvimento sustentável tornaram-se as bases de um dos mais relevantes movimentos sociais contemporâneos. Além disso, governos, mídia, movimentos sociais e ambientais têm buscado, ainda que em diferentes graus de envolvimento, a institucionalização de valores ligados ao respeito e preservação ambiental, o que já representa relativo avanço (BARBIERI, VASCONCELOS, ANDREASI e VASCONCELOS, 2010).

3. Consciência Ambiental e Comportamento Pró-Ambiental

O número de estudos acadêmicos relacionados à questão ambiental e o interesse pela temática apresentaram considerável crescimento no decorrer dos últimos anos (AZEVEDO, CUNHA, QUINELATO e MADUREIRA, 2010). Esse interesse se deu pelo reconhecimento de uma real crise ambiental já instaurada, além de um apelo ao “modismo verde” e “marketing verde” (FOLLOWS e JOBBER, 2000; GUIMARÃES, 2000).

A consciência ambiental, baseada na definição de Bedante (2004), pode ser compreendida como a tendência ou voluntariedade de um indivíduo se posicionar frente às questões ambientais, defendendo uma disposição a favor ou contra. Desta forma, os indivíduos com maior consciência ambiental estariam mais propensos a se posicionar favoravelmente ao meio ambiente em detrimento dos indivíduos com menor consciência ambiental.

Para tanto, Leff (2001) advoga a necessidade de se desenvolver novos padrões cognitivos na relação homem-natureza, embasados na complexidade ambiental. Dias (1994) acrescenta que são os valores desses indivíduos que irão determinar sua forma de ver e viver o mundo e é por isso que a consciência ambiental deve envolver valores sustentáveis, ou seja, de utilização regrada dos recursos ambientais, com vistas às gerações futuras.

No campo das ações, existem diversos construtos que definem aquelas que são praticadas em favor do meio ambiente: comportamento pró-ambiental (Stern, 2000), comportamento ecológico (Kaiser, Wölfling e Fuhrer, 1999), atitude em relação ao consumo sustentável (Bedante, 2004), conduta ambientalmente responsável (Corral-Verdugo e Pinheiro, 1999), dentre outros. O propósito deste estudo não é aprofundar a conceituação desses termos, mas entendendo a diversidade na conceituação, bem como compreendendo que estes não são sinônimos, este trabalho utilizará o construto “comportamento pró-ambiental” para se referir às ações dos indivíduos em favor do meio ambiente.

Desta forma, entende-se o comportamento pró-ambiental como sendo um conjunto de ações intencionais, pautadas em crenças, valores e motivações pessoais, e que são voltadas para responder a requerimentos sociais e individuais, mas cujo objetivo final seja a proteção do meio ambiente (CORRAL-VERDUGO, 2000; STERN, 2000).

Para Waldman e Schneider (2000) a consciência de um indivíduo seria determinante no seu comportamento. Neste sentido, pessoas que têm o hábito de utilizar os recursos de forma exagerada ou desnecessária, demonstram não ter consciência dos malefícios que podem ser gerados a partir de seus comportamentos inadequados. Por outro lado, aqueles que se preocupam em utilizar os recursos de forma comedida, apenas para atender às suas necessidades e levando em consideração a preservação do meio ambiente, mostram ter consciência. Corroborando esta perspectiva, Andrés e Salinas (2002) concluíram em seu estudo que indivíduos com maior consciência ecológica também apresentavam maior nível de atitude ecológica.

Neste caso, a consciência ambiental passa a representar a peça fundamental para a conservação e manutenção da natureza, pois, quanto maior for para um indivíduo a importância de utilizar os recursos de forma correta, maiores serão os esforços para que haja menos impactos sobre o ambiente. Em outras palavras, a solução para a problemática ambiental residiria na adequação dos comportamentos humanos, promovendo uma relação mais amistosa deste com o meio ambiente (WALDMAN e SCHNEIDER, 2000; MALONEY e WARD, 1973; STEPHAN e STEPHAN, 1985).

Porém, contradizendo a perspectiva desses autores, Follows e Jobber (2000), afirmam que a consciência ambiental não se constitui como fator preponderante para um comportamento pró-ambiental. Dados obtidos através de uma pesquisa encomendada pelo Ministério do Meio Ambiente (2010) em parceria com a Walmart Brasil ilustram esse

paradoxo. Dentre os entrevistados, 59% disseram acreditar que a preservação dos recursos naturais deve estar acima das questões relacionadas à economia e 74% disseram estar motivados a comprar produtos que tenham sido produzidos com menor impacto ambiental. Porém, a mesma pesquisa revelou o quanto estes posicionamentos estavam distantes do campo das ações. Entre os mesmos entrevistados, 93% disseram que não estavam dispostos a pagar mais caro por eletrodomésticos que consumiam menos energia e 91% não pagariam mais caro por produtos cultivados sem produtos químicos.

Assim, ao longo dos anos, uma série de estudos foi desenvolvida para identificar as características dos consumidores propensos ao comportamento pró-ambiental e como desenvolver consciência ambiental nos indivíduos para gerar tais comportamentos, bem como buscaram compreender de que forma se relacionam consciência e comportamento pró-ambiental (AZEVEDO et al., 2010; CAIXETA, 2010; KREIDLER e JOSEPH-MATHEWS, 2009; MOTA, 2009; GONÇALVES-DIAS et al., 2009; PICKETT-BAKER e OZAKI, 2008; ROMEIRO, 2006; BEDANTE, 2004; ROCHA e MARQUES, 2004; PEREIRA, 2003; CUPERSCHMID e TAVARES, 2001; FOLLOWS e JOBBER, 2000; KAISER, WÖLFING e FUHRER, 1999; SCHLEGELMILCH, BOHLEN e DIAMANTOPOULOS, 1996). Faz-se importante ressaltar um ponto de interseção entre grande parte desses trabalhos que reside na impossibilidade de se traçar perfis específicos, sendo geradas apenas algumas tendências de comportamento e perfis sócio-demográficos.

A esse respeito, Olofsson e Ohman (2006) alertam para o fato de que a análise isolada de variáveis sócio-demográficas não é capaz de reproduzir resultados aplicáveis e significativos, o que justifica a necessidade de se adicionar variáveis psicográficas nos instrumentos de pesquisa. Corroborando, Pato (2004) defende que as crenças, motivações e valores individuais irão, em grande medida, contribuir para a compreensão do comportamento dos indivíduos e da forma como estes se relacionam com o meio ambiente (PATO, 2004). Tomando por base estas bases conceituais é que se deu a investigação do problema desta pesquisa, cujos procedimentos metodológicos serão descritos no tópico a seguir.

4. Procedimentos Metodológicos

Com o intuito de traçar o paralelo entre consciência e comportamento pró-ambiental optou-se neste estudo pela abordagem quantitativa descritiva de pesquisa. A técnica utilizada para a coleta de dados foi a aplicação de questionários estruturados, com perguntas iguais para todos os entrevistados, a fim de estabelecer uniformidade e comparação entre as respostas. Devido sua aplicabilidade simples, o questionário é capaz de contemplar um grande número de respondentes, limitando possibilidades de interpretação e erro por parte do entrevistado (MALHOTRA, 2006).

Desta forma, a elaboração do questionário utilizado nesta pesquisa foi fundamentada em trabalhos com a mesma abordagem ou com abordagem semelhante, como os de Bedante, 2004; Pinheiro, 2009; Lages e Neto, 2002; Bertolini e Possamai, 2005. O questionário foi composto por 58 questões, sendo 7 delas referentes aos dados sócio-demográficos dos entrevistados e as outras 51 referentes a consciência e a comportamento ambiental dos mesmos. Nas questões relacionadas à consciência e ao comportamento ambiental utilizou-se de uma escala do tipo *Likert* de 4 pontos e balanceada, sendo utilizados em seus extremos expressões de significados opostos, no caso, “sem importância” e “muito importante” para questões relacionadas à consciência ambiental e “nunca” e “sempre” para as questões referentes ao comportamento ambiental.

O universo de estudo desta pesquisa abrange toda população de Lavras, cidade pertencente à mesorregião do Campo das Vertentes, no estado de Minas Gerais. A cidade, além de possuir um elevado índice de qualidade de vida, é reconhecida nacional e

internacionalmente por seus centros de excelência universitária, abrigando uma das melhores universidades e centro universitário do país. Sua população urbana foi estimada pelo Censo de 2010 em 92.171 habitantes.

A definição da amostra foi aferida para um nível de significância de 95%. Faz-se importante ressaltar que esta amostra foi estratificada de acordo com o número de moradores em cada região da cidade (centro, norte, sul, leste e oeste), de forma a abarcar residentes de todas as regiões lavrenses. Também foi delimitado que deveriam ser entrevistadas, de forma proporcional, pessoas de todas as classes sociais, dos gêneros masculino e feminino, com idade entre 16 e 65 anos, e que possuísem do mais baixo ao mais alto nível de escolaridade.

Além disso, estabeleceu-se que a abordagem dos entrevistados para coleta dos dados se daria na residência destes, sendo utilizado o critério de que todas as ruas daquele bairro deveriam ter algum morador entrevistado e que, após a realização da entrevista em uma residência, dever-se-ia pular, pelo menos, quatro casas.

Desta forma, foram aplicados um total de 406 questionários. Os dados obtidos foram tabulados e analisados com o auxílio do *software* aplicativo SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 17.0. Os métodos de análise utilizados foram a análise de cluster, análise de variância (ANOVA) e análise discriminante. O perfil dos entrevistados, assim como os resultados obtidos através da análise dos dados, encontram-se descritos na próxima sessão.

5. Resultados e Discussão

Serão apresentados nesta sessão os principais resultados resultantes deste estudo. As análises estão divididas em três blocos, que compreendem a análise exploratória, a análise de *clusters* e a análise de variância e discriminante.

5.1. Análise Exploratória: traçando o perfil dos entrevistados

Analisando os resultados referentes ao perfil sócio-demográfico percebeu-se que, dos 406 entrevistados, a maioria pertence ao sexo feminino (53%), tem mais de 50 anos de idade (26,8%), ensino médio completo (31,8%), renda entre R\$ 1.021,00 e R\$ 3.040,00 (46,6%) e 3 ou 4 residentes no lar (48,3%). A Tabela 1 mostra a distribuição sócio-demográfica dos entrevistados.

Tabela 1 - Distribuição sócio-demográfica dos entrevistados

Sexo	53% sexo feminino
	47% sexo masculino
Residentes por lar	22,4% de 1 a 2 pessoas
	48,3% de 3 a 4 pessoas
	23,9% de 5 a 6 pessoas
	5,2% acima de 7 pessoas
Faixa Etária	13,5% até 20 anos
	23,9% entre 21 e 30 anos
	20% entre 31 e 40 anos
	15,8% entre 41 e 50 anos
	26,8% maior que 50 anos.
Escolaridade	3,2% nenhum nível de escolaridade
	26,8% ensino fundamental incompleto
	11,6% ensino fundamental completo
	10,3% ensino médio incompleto
	31,8% ensino médio completo
	8,4% ensino superior incompleto
6,2% ensino superior completo	

	1,7% pós graduação
	3,4% até R\$ 510,00
	32% entre R\$ 511,00 e R\$ 1.020,00
Renda	46,6% entre R\$ 1.021,00 e R\$ 3.040,00
	11,1% entre R\$ 3.041,00 e R\$ 5.470,00
	4,2% acima de R\$ 5.470,00
	2,7% não responderam

Fonte: dados da pesquisa

5.2. Análise de Clusters: conscientes praticantes versus conscientes não-praticantes

Após a analisar a distribuição de frequência dos entrevistados foi feita a formação dos clusters de 2 e de 3 grupos. A análise do coeficiente de aglomeração (Malhotra, 2006) mostrou que a opção de 2 clusters seria a mais apropriada. O método utilizado foi o de Ward e o intervalo de medida foi o Quadrado da Distância Euclidiana.

Desta forma, os dois clusters encontrados foram:

Cluster 1: Conscientes não-praticantes

Corresponde aos indivíduos que, embora tenham consciência da problemática ambiental e de sua importância, não apresentam comportamentos condizentes com as suas convicções, ou seja, não possuem comportamento pró-ambiental. Este grupo de respondentes representou 63,3% da amostra.

Cluster 2: Conscientes praticantes

Este *cluster* representa todas as pessoas que, tendo consciência em relação às questões ambientais, procuram exprimir suas convicções em comportamentos favoráveis ao meio ambiente. Desta forma, esses indivíduos se preocupam com a destinação final do lixo que produzem, dão preferência a produtos menos agressivos ao meio ambiente (deixando, inclusive, de consumir produtos que consideram danosos e pagando mais pelos produtos que não poluem o meio ambiente), têm comportamentos que reduzem o consumo de água e energia elétrica e denunciam maus tratos ou tráfico de animais. Este grupo de respondentes representou 33% da amostra.

Nota-se que a população de Lavras apresenta, de forma geral, consciência em relação ao meio ambiente. Entretanto, a grande maioria (63,3%) não reflete essa preocupação em comportamentos pró-ambientais. Assim, apesar de todos afirmarem em seus discursos a importância de se preservar e cuidar do meio ambiente, apenas um terço desses indivíduos apresentam comportamentos favoráveis à causa.

5.3. Análise de Variância e Discriminante

A fim de distinguir as características dos dois grupos supramencionados, foram realizadas as análises de variância (ANOVA) e de discriminante. Ao analisarmos os dados apresentados na Tabela 2, podemos rejeitar a hipótese de igualdade entre os grupos, exceto para as variáveis “importância do tratamento dos resíduos industriais”, “importância da preservação da fauna”, “importância da preservação da flora”, “importância da manutenção da limpeza urbana” “lava calçadas, quintal ou varanda” e “discussões sobre o meio ambiente” que não apresentaram diferenças significativas. Todas as demais variáveis mostraram-se diferentes entre os grupos.

Já quanto ao *Wilks' lambda*, estatística utilizada para determinar a função discriminante que maximiza o quociente entre a variação explicada pela diferença entre as médias dos grupos e a variação dentro dos grupos, observamos que as variáveis que mais diferenciam os grupos são, segundo Malhotra (2006), as de menores coeficientes, ou seja, “pensa como o lixo poderia ser utilizado antes de ser descartado” e “paga mais por produtos que não poluem o meio ambiente”. Já as variáveis que menos diferenciam os grupos são “importância da preservação dos rios e mares” e “importância da qualidade do ar”. Em outras palavras, o grupo de praticantes se distingue, em maior medida, do grupo de não praticantes, por ações conscientes quanto ao descarte do lixo e por estarem dispostos a pagar mais por produtos que não agridem o meio ambiente.

Tabela 2 - ANOVA e Discriminante

Variáveis	Wilks' Lambda	F	Sig.
1. Compra produtos que oferecem refil para reposição	,915	35,925	,000
2. Reciclagem do lixo doméstico	,959	16,841	,000
3. Tratamento de resíduos industriais ¹	1,000	,045	,832
4. Preservação da fauna ¹	,991	3,512	,062
5. Preservação da flora ¹	,989	4,469	,035
6. Preservação dos rios e mares	,981	7,480	,007
7. Qualidade do ar	,980	7,859	,005
8. Qualidade da água	,973	10,918	,001
9. Discussões sobre o meio ambiente ¹	,994	2,155	,143
10. Economia de água	,969	12,308	,001
11. Economia de energia elétrica	,972	11,252	,001
12. Manutenção da limpeza urbana ¹	,992	2,961	,086
13. Produtos com certificação ambiental	,963	14,959	,000
14. Produtos orgânicos ou naturais	,960	16,250	,000
15. Produtos com selo de economia de energia elétrica	,977	9,079	,003
16. Usa mais de um equipamento eletrônico ao mesmo tempo	,856	65,605	,000
17. Lava calçadas, quintal ou varanda ¹	,996	1,474	,225
18. Dorme com televisão ligada	,976	9,612	,002
19. Escova os dentes ou faz barba com a torneira aberta	,945	22,550	,000
20. Deixa a luz acesa durante a noite	,964	14,565	,000
21. Demora muito tempo com a geladeira aberta	,949	21,079	,000
22. Separa o lixo doméstico para reciclagem	,812	90,015	,000
23. Denuncia maus tratos ou tráfico de animais	,741	135,666	,000
24. Paga mais por produtos que não poluem o ambiente	,722	149,713	,000
25. Pensa em como o lixo poderia ser utilizado antes de ser descartado	,714	155,789	,000
26. Para de utilizar um produto por achar que faz mal ao meio ambiente	,752	128,460	,000
27. Ao tomar banho, desliga o chuveiro para se ensaboar	,866	60,373	,000
28. Da preferência a produtos ecologicamente corretos	,842	73,256	,000
29. Discuti sobre preservação do meio ambiente	,765	119,323	,000

¹ Variável excluída pela análise

Fonte: Dados da pesquisa

5.4. Praticantes x Não-praticantes: identificando o perfil dos clusters

A fim de caracterizar cada um dos *clusters* encontrados na análise anterior, foi realizado um cruzamento em tabelas entre *clusters* e variáveis demográficas e comportamentais. O teste qui-quadrado de Pearson foi realizado para avaliar o nível de significância.

Assim, pôde-se observar que o *Cluster 1* é composto por indivíduos mais jovens (46,3% com até 30 anos de idade) ao passo que o *Cluster 2* é composto por indivíduos mais velhos (50,8% com mais de 41 anos). Assim, pôde-se dizer que indivíduos mais velhos tendem a exercer mais comportamentos pró-ambientais do que indivíduos mais jovens. Este resultado

contradiz o que foi encontrado por Fransson e Gärling (1999). Segundo os autores, os indivíduos mais jovens tendem a demonstrar uma maior atenção à questão ambiental, tanto em termos de preocupação quanto no campo das ações.

Em ambos os *clusters* há o predomínio do sexo feminino, sendo que entre os conscientes praticantes a diferença percentual entre os sexos mostrou-se mais acentuada (55,2% dos indivíduos deste grupo são do sexo feminino). A renda também não se constituiu de um fator de diferenciação entre os grupos, sendo esta de até R\$3.040,00 para cerca de 80% dos indivíduos nos dois *clusters*. O mesmo pode ser dito em relação à escolaridade, que não apresentou diferenças significativas entre os grupos. Entre os conscientes praticantes, o número de respondentes com Ensino Superior completo ou Pós Graduação foi de 10,5% enquanto que entre os conscientes não-praticantes foi de 7%.

Cerca de 70% dos lares em ambos os grupos é residido por até 4 pessoas. Porém, entre o grupo dos conscientes praticantes foram encontrados menos indivíduos por residência (mais da metade dos lares deste grupo possuem até 3 duas pessoas enquanto que no grupo dos não-praticantes isso acontecia em 40,8% dos casos).

Importante destacar o fato de serem as lâmpadas incandescentes as mais utilizadas pelos indivíduos conscientes não-praticantes (29,2% contra 19,4%) e as lâmpadas fluorescentes mais utilizadas pelos indivíduos conscientes praticantes (44,8% contra 35,8%). Tal fato ilustra a preocupação do segundo grupo com a economia de energia elétrica em detrimento do preço da lâmpada, ao passo que o inverso é válido para o primeiro grupo. Deve-se ressaltar ainda que alguns respondentes revelaram utilizar ambos os tipos de lâmpada em suas residências (cerca de 35% dos membros de cada grupo).

Com relação às práticas cotidianas dos respondentes, os resultados evidenciaram que os conscientes praticantes tendem a tomar banhos menos demorados, ficar menos tempo com a televisão ligada e pensar melhor na destinação final dos papéis que utiliza (fazendo-os de rascunho e, posteriormente encaminhando-os para reciclagem). A Tabela 3 ilustra os resultados obtidos.

Tabela 3 - Práticas cotidianas dos respondentes por *cluster*

Prática	Cluster 1	Cluster 2
1. Tomar banho de 5 a 10 minutos	42%	52%
2. Ficar com a televisão ligada mais de 4 horas por dia	60%	55%
3. Destino dado ao papel utilizado (rascunho e reciclagem)	1%	5%

Fonte: dados da pesquisa

Observa-se, portanto, mais uma vez, a confirmação de que os indivíduos pertencentes ao *cluster* de número 2 apresentam mais atitudes pró-ambientais que os indivíduos pertencentes ao *cluster* de número 1.

A televisão se mostrou o principal canal difusor de informações sobre o meio ambiente. Desta forma, mais de 80% dos indivíduos pertencentes aos dois grupos mencionaram a televisão como principal fonte de acesso às informações sobre o meio ambiente. Em segundo lugar foi apontado o rádio (com 35,3% das respostas no primeiro grupo e 47% das respostas no segundo grupo). A internet ficou apenas em terceiro lugar neste ranqueamento, com 39,5% das respostas no grupo 1 e 55,6% das respostas no grupo 2. Interessante observar que 4% dos respondentes do grupo de não-praticantes afirmaram não ter acesso à informações sobre o meio-ambiente; entre os pertencentes ao grupo de praticantes esse valor foi de 1,5%. Seria, então, a falta de informação um dos componentes relacionados a não adoção de comportamentos pró-ambientais?

Os entrevistados responderam ainda ao seguinte questionamento: “Você acredita que tem comportamentos (atitudes) em favor do meio ambiente?”. Dos indivíduos pertencentes ao grupo dos conscientes não-praticantes, 15,6% acreditam que têm muitos comportamentos;

34,2% que têm alguns comportamentos e 30,4% poucos comportamentos. Já em relação ao grupo dos conscientes praticantes, 35,8% acreditam ter muitos comportamentos pró-ambientais; 39,6% alguns comportamentos e apenas 16,4% poucos comportamentos.

Deve-se ressaltar ainda que quase 10% dos indivíduos pertencentes ao primeiro grupo afirmaram que não acreditam que seus comportamentos exerçam influência sobre o meio ambiente, sendo que essa resposta não foi dada por nenhum dos respondentes pertencentes ao segundo grupo. Ainda, 10% dos integrantes do primeiro grupo e 7,5% dos integrantes do segundo grupo disseram que nunca haviam pensado sobre como seus comportamentos poderiam exercer algum impacto sobre o meio ambiente.

Estas análises demonstram como a grande maioria das pessoas residentes em Lavras, apesar de ter conhecimento da problemática ambiental, não refletem suas convicções em comportamentos em favor do meio ambiente, e reconhecem isso, o que sugere ser pouco ou nenhum o esforço em reverter esse fato. Por sua vez, em cerca de um terço da população da cidade já se observa uma preocupação em assumir determinados comportamentos favoráveis ao meio ambiente.

6. Considerações Finais

Percebe-se ao analisar os resultados deste estudo sobre consciência e comportamento pró-ambiental que as inconsistências entre discurso e prática permeiam as respostas dadas pela grande maioria (63,3%) dos entrevistados. Neste sentido, ainda que esses indivíduos tenham consciência da problemática ambiental e da importância da preservação do meio ambiente, pouco ou quase nada fazem para amenizar seus impactos sobre ele e, reconhecem isso ao serem indagados a respeito das práticas em favor do meio ambiente que realizam.

No outro grupo de indivíduos encontrado na pesquisa, percebeu-se um maior alinhamento entre a consciência ambiental e os comportamentos em favor do meio ambiente. Essa minoria é representada por indivíduos com idade acima de 41 anos, pertencentes em sua maioria ao sexo feminino com renda de até R\$3.040,00 mensais. Quando questionados sobre o próprio comportamento, mais de 75% reconheceram que exercem alguns ou muitos comportamentos em favor do meio ambiente.

Comparando com o estudo realizado por Fransson e Gärling (1999), pode-se dizer que esta pesquisa apresentou um novo perfil de indivíduos com comportamentos pró-ambientais. Segundo os resultados encontrados por esses autores, os indivíduos mais jovens possuem uma maior tendência de se preocuparem e agirem em prol do meio ambiente. Em contrapartida, o presente estudo constatou que são os indivíduos mais velhos que agem de forma mais favorável ao meio ambiente.

Considerando que a cidade de Lavras demonstrou, de forma geral, ter consciência das questões relativas ao meio ambiente e da importância de preservá-lo e, tomando como base a arguição de Gomes (2006), pode-se depreender que a maioria dos lavrenses possui uma boa educação ambiental. Porém, fica o questionamento de, até que ponto, essa educação tem sido eficaz na promoção de comportamentos menos degradantes? Será que apenas apresentar o problema aos indivíduos e mostrá-los a importância da preservação é suficiente? Por que as pessoas, mesmo sabendo disso tudo, continuam adotando comportamentos prejudiciais ao meio ambiente? Neste caso, ter consciência seria diferente de ser consciente com o planeta? Qual a qualidade das informações que lhes são repassadas? Por que alguns indivíduos não acreditam que seus comportamentos exerçam algum tipo de influência sobre o ambiente natural e por que outros dizem nunca terem parado para pensar sobre o assunto?

Todos estes questionamentos nos fazem refletir sobre esta temática, que ainda precisa ser mais discutida e explorada. Por isso, espera-se com a realização deste estudo contribuir para a disseminação do assunto e servir como referência para estudos futuros. Apesar de ainda

estarmos caminhando lentamente rumo ao ideal, pode-se dizer que esse tipo de comportamento pró-ambiental praticado por alguns indivíduos (ainda que em minoria) e, até mesmo, o fato de a grande maioria ter consciência sobre a temática, já representam significativos e importantes avanços para a preservação do planeta.

Referências Bibliográficas

ANDRÉS, E. F.; SALINAS, E. M. **El Comportamiento del Consumidor Ecológico Explicado através de uma Escala de Actitudes**. Anais do XIV Encuentro de Profesores Universitarios de Marketing, 2002.

AZEVÊDO, A. C.; CUNHA, F. R.; QUINELATO, R.; MADUREIRA, D. M. **Consciência ambiental e comportamento do consumidor**. Anais do XIII SEMEAD - Seminários em Administração, São Paulo, 2010.

BARBIERI, J. C.; VASCONCELOS, I. F. G.; ANDREASI, T.; VASCONCELOS, F. C. Inovação e Sustentabilidade: novos modelos e proposições. **Revista de Administração de Empresas**, v. 50, n.2, p. 146-154, 2010.

BARONI, M. Ambiguidades e Deficiências do Conceito de Desenvolvimento Sustentável. **Revista de Administração de Empresas**, v. 32, n. 2, p.14-24, 1992.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2005.

BEDANTE, G. N. **A influência da consciência ambiental e das atitudes em relação ao consumo sustentável na intenção de compra de produtos ecologicamente embalados**. Porto Alegre, 2004, 159 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BERTOLINI, G. R. F; POSSAMAI, O. Proposta de Instrumento de Mensuração do Grau de Consciência Ambiental, do Consumo Ecológico e dos Critérios de Compra dos Consumidores. **Revista de Ciência & Tecnologia**, v. 13, n. 25/26, p. 17-25, 2005.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2007.

CAIXETA, D. M. **Atitudes e comportamentos ambientais: Um estudo comparativo entre servidores de instituições públicas federais**. Brasília, 2010, 69 p. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília.

CAVALCANTI, C. **Desenvolvimento e Natureza: Estudos para uma sociedade sustentável**. Instituto de Pesquisas Sociais/Fundação Joaquim Nabuco, Ministério da Educação, Governo Federal, Recife; 1995.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso Futuro Comum**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

CORRAL-VERDUGO, V. **La definición del comportamiento proambiental**. En La Psicología Social en México. Guadalajara: MAEPSO – Asociación Mexicana de Psicología Social, v. VIII, p. 466-472, 2000;

CORRAL-VERDUGO, V.; PINHEIRO, J. Q. Condições para o estudo do comportamento pró-ambiental. **Estudos de Psicologia**, v. 4, n. 1, p. 7-22, 1999.

COZETTI, N. **Lixo**: Marca incômoda da modernidade. Revista Ecologia e Desenvolvimento, Rio de Janeiro, ano 11, v. 96, 2001.

CUPERSCHMID, N. R. M.; TAVARES, M. C. **Atitudes em relação ao meio ambiente e sua influência no processo de compra de alimentos**. Anais do XXV Encontro da ANPAD, Campinas, 2001.

DALY, H. E. **A economia ecológica e o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: ASPTA - Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa, 1991, 21 p.

DIAS, G. F. **Atividades Interdisciplinares de Educação Ambiental**: Manual do Professor. São Paulo: Global/Gaia, 1994.

DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006, 306 p.

DRUMMOND, J. A. **Desenvolvimento Sustentável**: debates em torno de um conceito problemático. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, v. 5, n.3, p. 755-761, 1999.

FRANSSON, N.; GÄRLING, T. Environmental concern: conceptual definitions, measurement methods, and research findings. **Journal of Environmental Psychology**, v.19, n. 4, p. 369-382, 1999.

FOLLOWS, S. B.; JOBBER, D. Environmentally responsible purchase behavior: atest of consumer behavior. **European Journal of Marketing**, v. 34, (5/6) 723-746, 2000.

GOMES, D. V. **Educação Para O Consumo Ético E Sustentável**. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. Rio Grande do Sul, v. 16, março/abril, 2006.

GONÇALVES-DIAS, S. L. F.; TEODÓSIO, A. S. S., CARVALHO, S.; SILVA, H. M. R. Consciência Ambiental: Um Estudo Exploratório sobre suas Implicações para o Ensino de Administração. **Revista de Administração de Empresas - Eletrônica**, v. 8, n. 1, art. X, janeiro/junho, 2009.

GUIMARÃES, M. **Educação Ambiental**: No consenso um embate? Editora Papirus, Campinas, SP – Coleção Papirus Educação, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE DEFESA DO CONSUMIDOR. **Guia de Responsabilidade Social para o Consumidor**. Disponível em: http://www.idec.org.br/arquivos/guia_RSE.pdf.> Acesso em: abril, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. **Perfil dos municípios brasileiros**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>> Acesso em: abril, 2012.

KAISER, F. G.; WÖLFING, S.; FUHRER, U. Environmental attitude and ecological behavior. **Journal of Environmental Psychology**, v. 19, p. 1-19, 1999.

KREIDLER, N. B.; JOSEPH-MATHEWS, S. How green should you go? Understanding the role of green atmospherics in service environment evaluations. **International Journal of Culture, Tourism and Hospitality Research**, v.3, n.3, p. 228-245, 2009.

LAGES, N. S.; NETO, A. V. **Mensurando a Consciência Ecológica do Consumidor**: Um Estudo Realizado na Cidade de Porto Alegre. Anais do XVI Encontro da ANPAD, Salvador, 2002.

LEFF, E. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis: Vozes, 2001.

MALHOTRA, N.K. **Pesquisa de marketing**: uma orientação aplicada. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MALONEY, M. P.; WARD, M. P. Ecology: Let's hear it from the people – An objective scale for measurement of ecological attitudes and knowledge. **American Psychologist**, v. 28, n. 7, p. 583-586, julho, 1973.

MATIAS, H. J. D.; PINHEIRO, J. Q. Desenvolvimento sustentável: um discurso sobre a relação entre desenvolvimento e natureza. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. 1, p. 134-143, 2008.

MCCRACKEN, G. **Cultura e consumo**: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo. Coleção Cultura e Consumo/coordenação Everardo Rocha. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

MEIRELLES, S. A. **A explosão urbana**. Revista Ecologia e Desenvolvimento, ano 10, v. 85, p. 12- 19, setembro/outubro, 2000.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Sustentabilidade Aqui e Agora** - Brasileiros de 11 capitais falam sobre meio ambiente, hábitos de consumo e reciclagem. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/182/_arquivos/sustentabilidade_aqui_agora_182.pdf> Acesso em: abril, 2011.

MOTTA, S. L. S. **Estudo sobre a segmentação de mercado consumidor por atitude e atributos ecológicos de produtos**. São Paulo, 2009, 262 p. Tese (Doutorado) – Departamento de Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.

OLOFSSON, A.; OHMAN, S. General beliefs and environmental concern: transatlantic comparisons. **Environment and Behavior**, v. 38, p. 768–790, novembro, 2006.

OTTMAN, J. A. **Consumer attitude shifts provide grist for new products**. Marketing News, v. 27, n. 1, p. 16-17, janeiro, 1993.

PATO, C. M. L. **Comportamento ecológico: relações com valores pessoais e crenças ambientais**. Brasília, 2004, 164 p. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília.

PATO, C. M. L.; TAMAYO, A. A Escala de Comportamento Ecológico: desenvolvimento e validação de um instrumento de medida. **Estudos de Psicologia**, v.11, n. 3, p. 289-296, 2006.

PEREIRA, S. J. N. **O impacto do argumento ecológico nas atitudes dos consumidores: um estudo experimental**. Rio de Janeiro, 2003, 91 p. Dissertação (Mestrado Executivo em Gestão Empresarial) – Escola de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getúlio Vargas.

PICKETT-BAKER, J.; OZAKI, R. Proenvironmental products: marketing influence on consumer purchase decision. **Journal of Consumer Marketing**, v. 25, n. 5, p. 281-293, 2008.

PINHEIRO, L. R. D. **Estudo sobre o comportamento do consumidor frente à questão ambiental**. São Caetano do Sul, 2009, 150 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

ROCHA, A. L. P.; MARQUES, D. L. S. **Marketing verde para quem?** Anais do XXVIII Encontro da ANPAD, Porto Alegre, 2004.

ROMEIRO, M. **Um estudo sobre o comportamento do consumidor ambientalmente favorável: uma verificação no ABC paulista**. São Paulo, 2006, 358 p. Tese (Doutorado) – Departamento de Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade – Universidade de São Paulo.

SCHLEGELMILCH, B. B.; BOHLEN, G. M.; DIAMANTOPOULOS, A. The link between purchasing decisions and measures of environmental consciousness. **European Journal of Marketing**, v. 30, n. 5, p. 35-55, 1996.

STEPHAN, C. W.; STEPHAN, W. G. (Ed.). **Two Social Psychologies: An integrative approach**. Homewood, Illinois: Dorsey Press, p. 1-17, 1985.

STERN, P.C. Toward a coherent theory of environmentally significant behavior. **Journal of Social Issues**, v. 56, n. 3, p. 407-424, 2000.

VEBLEN, T. **Teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições**. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

VITOR, C. A questão ambiental deve estar no centro de tudo. **Revista Ecologia e Desenvolvimento**, vol. 100, 2002.

WALDMAN, M.; SCHNEIDER, D. M. **Guia Ecológico Doméstico**. São Paulo: Contexto, 2000.

WALLAVER, J. P. **ABC do meio ambiente, fauna brasileira**. Brasília: Editora IBAMA, 2000.